

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA VIDA
CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Isabella Camilo Lúcio

**Percepções de atletas olímpicas brasileiras de voleibol de praia sobre o uso de
uniformes**

Governador Valadares

2025

Isabella Camilo Lúcio

**Percepções de atletas olímpicas brasileiras de voleibol de praia sobre o uso de
uniformes**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Educação Física (Bacharelado), da Universidade Federal de Juiz de Fora, campus Governador Valadares, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Doutor Pedro Henrique Berbert de Carvalho.

Governador Valadares

2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Lúcio, Isabella Camilo.

Percepções de atletas olímpicas brasileiras de voleibol de praia sobre o uso de uniformes / Isabella Camilo Lúcio. -- 2025.
34 f. : il.

Orientador: Pedro Henrique Berbert de Carvalho
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Campus Avançado de Governador Valadares, Instituto de Ciências da Vida - ICV, 2025.

1. Voleibol. 2. Mulheres. 3. Aparência Física. I. de Carvalho, Pedro Henrique Berbert, orient. II. Título.

Isabella Camilo Lúcio

Percepções de atletas olímpicas brasileiras de voleibol de praia sobre o uso de uniformes

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Educação Física (Bacharelado), da Universidade Federal de Juiz de Fora, campus Governador Valadares, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Educação Física.

Aprovada em (dia) de janeiro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Doutor Pedro Henrique Berbert de Carvalho - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Doutora. Raquel de Magalhães Borges
Universidade Federal de Juiz de Fora

Doutor. Rubian Diego Andrade
Universidade Federal de Juiz de Fora

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Jesus Cristo, toda honra, glória e poder para todo sempre. A Ele que me permitiu iniciar e finalizar essa etapa, que me sustenta e guarda, que me ama e cuida, que é justo e fiel, que é único e real. Ao Senhor da minha vida, sou grata ao meu Deus!

À minha família, meu tudo abaixo de Deus: escassas são as palavras. Destaque para meus pais, Cássio e Marta; minha irmã, Letícia; e minha avó, Léa. Obrigada pelas orações, pelos socorros, pelo amor, pelo apoio, por tudo. Muito obrigada!

Às amizades desenvolvidas em Governador Valadares; ao Arthur Alves, um irmão; às famílias de tia Néia e tia Cida: sem vocês seria tudo mais difícil. Por tanto acolhimento: muito obrigada!

Aos queridos professores, minha gratidão, especialmente a Flávio Camilo, meu tio; Danilo Coimbra e Pedro Berbert. É um privilégio aprender com vocês!

A todos que são torcedores por esse feito, muitíssimo obrigada!

Deem graças em todas as circunstâncias, pois esta é a vontade de Deus para vocês em Cristo Jesus. 1 Tessalonicenses 5:18.

RESUMO

O voleibol se tornou um esporte popular, processo favorecido pelas alterações nas regras e uniformes divulgando propagandas e patrocínios. No entanto, os uniformes femininos para além da publicidade, se alinham ao desconforto e exposição do corpo e da aparência física. O tema ganhou destaque midiático, contudo, ainda é pouco explorado sobre a ótica das atletas de voleibol de praia. O presente estudo objetivou analisar a percepção das atletas profissionais de voleibol de praia quanto ao uso de uniformes neste esporte. Trata-se de estudo qualitativo no qual foi realizada análise de conteúdo de entrevistas realizadas com atletas profissionais de voleibol de praia, Carol Solberg e Ágatha Rippel, concedidas a importantes veículos de informação. A amostra contou com entrevistas de Carol Solberg para a GloboNews em 2021 e Ágatha Rippel para a Rádio Globo em 2017. Não foi necessária aprovação ética, uma vez que utiliza dados públicos e gratuitos, garantido pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Para os resultados foram identificadas as seguintes categorias de análise: “Silenciamento: o espaço da mulher no vôlei de praia”, “Regras esportivas, uniforme e performance” e “Espetacularização e objetificação do corpo feminino”. A primeira categoria revela que o ambiente que as atletas estão inseridas é marcado por uma hegemonia masculina, além de ser escasso em diálogos. Para a segunda categoria foi identificado que o regulamento de uniformes privilegia os homens de maneira oposta às mulheres, uma vez que contribui para: um espaço limitado para patrocinadores, relação entre conforto e performance e o envolvimento das atletas em decisões sobre o uso de uniforme de firo ou não. Por fim, a terceira categoria associa o corpo feminino a um atrativo para o esporte, tornando-o uma estratégia midiática. Neste processo ocorre uma objetificação do corpo feminino, processo considerado como espetacularização do corpo. Conclui-se que o corpo feminino é alvo constante de olhares que o reduzem a objetos de satisfação de outros, em um processo de espetacularização do corpo feminino, utilizando-se do uniforme como uma forma de controle sobre o corpo das atletas de voleibol de praia, por meio de mecanismos de controle e regras.

Palavras-chave: voleibol; mulheres; aparência física.

ABSTRACT

Volleyball has become a popular sport, a process favored by changes in rules and uniforms promoting advertisements and sponsorships. However, women's uniforms, in addition to advertising, were aligned with discomfort and exposure of the body and physical appearance. The topic reached media attention; however, it is still little explored from the perspective of beach volleyball athletes. The present study aimed to analyze the perception of professional beach volleyball athletes regarding the use of uniforms in this sport. This is a qualitative study in which content analysis was carried out on interviews carried out with professional beach volleyball athletes, Carol Solberg and Ágatha Rippel, granted to important media channel. The sample included interviews with Carol Solberg for GloboNews in 2021 and Ágatha Rippel for Rádio Globo in 2017. No ethical approval was required, as it uses public and free data, guaranteed by Resolution No. 510/2016 of the National Council of Health. For the results, the following categories of analysis were identified: "Silencing: the space of women in beach volleyball", "Sports rules, uniform and performance" and "Spectacularization and objectification of the female body". The first category reveals that the environment in which the athletes are inserted is marked by male hegemony, in addition to being scarce in dialogue. For the second category, it was identified that the uniform regulations privilege men in a way that is opposite to women, as it contributes to: a limited space for sponsors, the relationship between comfort and performance, and the involvement of athletes in decisions about the use of uniforms. Finally, the third category associates the female body with an attraction for sport, making it a media strategy. In this process, the female body is objectified, a process considered as a spectacularization of the body. It is concluded that the female body is a constant target of gazes that reduce it to objects of satisfaction for others, in a process of spectacularization of the female body, using the uniform as a form of control over the bodies of beach volleyball athletes, through control mechanisms and rules.

Keywords: volleyball; women; physical appearance, body.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | | |
|----------|--|----|
| Figura 1 | – Jogos olímpicos, Los Angeles 1984, Brasil x EUA..... | 11 |
| Figura 2 | – Comemoração medalha de ouro em Londres 2012..... | 12 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|------|-------------------------------------|
| CBV | Confederação Brasileira de Voleibol |
| COB | Comitê Olímpico Brasileiro |
| FIVB | Federação Internacional de Voleibol |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 9 |
| 2 | OBJETIVOS..... | 14 |
| 2.1 | OBJETIVO GERAL..... | 14 |
| 2.2 | OBJETIVOS ESPECÍFICOS..... | 14 |
| 3 | MÉTODOS..... | 15 |
| 3.1 | TIPO DE ESTUDO..... | 15 |
| 3.2 | AMOSTRA..... | 15 |
| 3.3 | ASPECTOS ÉTICOS..... | 16 |
| 3.4 | PROCEDIMENTOS E ANÁLISE DE DADOS..... | 16 |
| 4 | RESULTADOS E DISCUSSÃO..... | 17 |
| 4.1 | SILENCIAMENTO: O ESPAÇO DA MULHER NO VÔLEI DE PRAIA..... | 17 |
| 4.2 | REGRAS ESPORTIVAS, UNIFORME E PERFORMANCE..... | 18 |
| 4.3 | ESPETACULARIZAÇÃO E OBJETIFICAÇÃO DO CORPO FEMININO..... | 20 |
| 5 | CONCLUSÃO..... | 23 |
| | REFERÊNCIAS | 24 |
| | APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS..... | 28 |

1 INTRODUÇÃO

No ano de 1895, em *Massachusetts*, nos Estados Unidos, foi estabelecido o registro do surgimento de um esporte, *a priori* denominado *Mintonette*, por William Morgan. O esporte houvera sido produto da relação entre o tênis e basquetebol (Neto, 2003), adequando ao nome atual conhecido como voleibol pela trajetória de voleio que a bola realizava (Júnior, 2010). A modalidade se tornou mais acessível a idosos e outros públicos, dentre outros motivos, por permitir ser praticada em ginásios cobertos e assim minimizar o frio, e por não haver contato físico com o time adversário, reduzindo o número de lesões (Júnior, 2012).

Diante do público alcançado, a acessibilidade dessa prática foi disseminada também por mulheres, haja vista que, baseado em Rousseau, “o espaço privado e doméstico” seria destinado a elas enquanto, para os homens, pertenceriam ao espaço público (Guimarães, 2005, p. 78). Diante disso, é possível perceber que o voleibol, por ser um esporte praticado também em ambientes fechados, surgiria como aceitável nesse aspecto. O início do século XX também reafirma a ideia da preparação física das mulheres para assumirem, como mães fortes, a ação de “parirem filhos fortes”, mas mantendo nos exercícios a “delicadeza do organismo das mães” (Romariz; Mourão, 2006, p. 1). Nesse sentido o voleibol, por não ter contato direto com o adversário, se apresentaria como uma opção de prática desportiva, preservando a feminilidade em questão.

Para popularização da modalidade, Carlos Arthur Nuzman, que presidiu a Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) de 1975 a 1997, afirmara sobre a importância da mídia nesse fim. Nuzman faz uso de uma comparação e se refere que “a mídia apresentou os noivos voleibol e *marketing* para o casamento” (Pinheiro, 1997, p. 539). A relação supracitada permitiu também que o voleibol passasse pela espetacularização e, uma das justificativas para isso foram alterações nas regras da modalidade reduzindo, por exemplo, a duração das partidas para que fosse viável a transmissão televisiva (Pinheiro, 1997). Nesse cenário o voleibol é também entendido como produto mercadológico e político, por interesses, sobretudo, econômicos (Anfilo, 2003).

Destaca-se comumente em tais interesses a direta relação com o uso dos uniformes pelos atletas tendo o objetivo de divulgar propagandas e patrocínios (Mezzaroba e Pires, 2011). O apoio e investimento de empresas no voleibol foram

elementares para, principalmente, a profissionalização do público feminino na modalidade (Bojikian, 1999), haja vista que o desenvolvimento esportivo foi tardio considerando a tendência materna e delicada (Marinho, 1975).

Segundo Tavares e Paula (2023, p. 8302) os uniformes são funcionais, pois: “(...) denotam unidade, organização e criam uma relação de proximidade com o público que assiste. Esses uniformes, que também possuem um caráter identitário, precisam estar adequados à modalidade esportiva a qual se destinam.” Com isso, observa-se que o uso dos uniformes é de fundamental importância, sobretudo em esportes coletivos, para rentabilidade, identificação, pertencimento e melhor estruturação do time. Por outro lado, os uniformes das atletas possuem outros objetivos para além da publicidade e se alinham ao desconforto (Tavares; Paula, 2023) em camadas que se divergem entre o melhor rendimento esportivo e a melhor estética (Romero, 2004; Saint'Clair, 2011).

Em 1998, Nogueira já afirmava que o jogo era composto por um torcedor que contemplava e outro que torcia, com “um olho na quadra e outro nos quadris”:

Na quadra como na areia da praia, o vôlei não é só um esporte. É também uma passarela em que desfilam corpos esculturais. De tal modo a coisa é atraente que o público masculino do vôlei divide-se em duas classes: o amante de jogo, em si, e o “voyeur”, o contemplador. Ambos se deliciam: um torce, o outro contempla... O “short” das moças é um “gimmecs” desse esporte [...] “Um olho da quadra, outro nos quadris. Jogada de marketing? Sem dúvida. É pelos irresistíveis caminhos de Eros que o vôlei feminino está tomando o lugar do basquete, seu rival. O basquete veste suas equipes com calções bizarros. As moças, então, coitadas, ficam desengonçadas na quadra. Alguém me jura que as próprias jogadoras são contra a ideia de encurtar os shorts. Preferem aqueles calções do tipo samba-canção que sonegam ao olhar masculino as ardentes carnações femininas. Pobre do esporte que ousa vestir Paula com os mesmos calções que vestem o Pipoca (Nogueira, 1998, p. 75).

Exemplo disso, para que o voleibol feminino no Brasil ganhasse mais visibilidade, uma das estratégias criadas em 1980 pela Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) foi em torno das “Musas do Vôlei”, no qual a mídia seria o principal veículo responsável por esse processo, com foco estético (Moreira, 2013). No que se refere à relação torcedor e profissional, de 1940 a 1970 a mídia também prezava por registros que mantivesse a feminilidade das atletas, Dalsin e Goellner (2006, p. 163) afirmam que:

As fotografias que ilustravam as reportagens raramente eram registradas durante os jogos, assim como eram raras as imagens publicadas nos periódicos em que as moças estivessem suadas, desajeitadas ou com aparência de estafa. Apareciam limpas, hígdas, sensuais e, sobretudo, sorridentes. Essa forma de apresentar as imagens das mulheres esportistas nas revistas e jornais estava assentada em uma representação de feminilidade para a qual o voleibol não representava ameaça.

A evolução histórica dos uniformes do voleibol feminino na quadra, do sunquíni ao *short* e blusa carrega a influência midiática que é acompanhada pela exposição dos corpos. Essa exibição é realizada através de “zoom, ângulo da câmera e replay” (Bissel, 2013, p. 10) em momentos que as atletas estão em posições naturais do esporte, comemorando ou ajustando o uniforme (Bissel, 2007).

Em 2024 a TV Globo exibiu uma reportagem de um homem que respondeu por crime de importunação sexual e registro não autorizado de intimidade sexual. Em seu acervo, o homem continha registros de atletas de voleibol na Liga das Nações no Rio de Janeiro e no vôlei de praia, em Pernambuco. Detido por gravar partes íntimas das atletas, a reportagem descreve que o rapaz se infiltrou nos eventos “em posse de uma câmera fotográfica semiprofissional equipada com lentes de aumento.” (Globo, 2024).

Figura 1 - Jogos Olímpicos, Los Angeles 1984, Brasil x Estados Unidos da América.



Fonte: UOL

Figura 2 - Comemoração medalha de ouro em Londres 2012.



Fonte: UOL

Diante do exposto, observa-se que a questão da sensualização dos uniformes também é refletida em outras modalidades. No vôlei de praia, a atleta profissional Carol Solberg se manifestou contra o uso dos uniformes estabelecidos (Condini, 2021). Para o handebol de praia, a seleção da Noruega foi multada em um jogo do campeonato europeu em 2021, devido às atletas jogarem de *shorts* ao invés de biquínis (Tavares *et al.*, 2021). Nas olimpíadas do Rio 2016 as atletas egípcias de vôlei de praia estrearam a utilização do *hijab* e em *Tokyo 2021*, por sua vez, as ginastas utilizaram de macacões que cobrissem o corpo inteiro, resistindo a sexualização no esporte (G1, 2021).

Ao se tratar do regulamento das competições, destaca-se o *Guide* de Uniforme do Circuito Brasileiro de Vôlei de Praia 2024 (CBV, 2024, p. 2) que diferencia o tipo de traje de acordo com a categoria a ser prestada, indicando uma maior exposição do corpo feminino:

Os uniformes das equipes participantes deverão obedecer ao disposto nas regras oficiais de vôlei de praia e nas condições estabelecidas neste *Guide* de Uniforme. Durante uma partida o(a) atleta poderá utilizar os seguintes itens: • Top – Atletas femininas • Regata – Atletas masculinos • Sunquini | Short | Legging – Atletas Femininas • Short – Atletas Masculinos • Boné • Viseira • Braçadeira • Tatuagem Decalque • Óculos • Manguito.

Em entrevista a pesquisa “Mulheres na Rede” da Universidade Federal de Juiz de Fora em 2022, a jornalista Renata Miranda defendeu que a cobertura da imprensa, ao favorecer ângulos específicos para as formas femininas em seus registros, estabelece uma relação de “objetificação do corpo da mulher”, baseada em uma “perspectiva masculina”. O corpo de atletas mulheres ou partes dele são separados de

sua personalidade e a mulher atleta é vista como um objeto para o desejo sexual do espectador (Daniels, Wartena, 2011; Dafferner; Campagna; Rodgers, 2019). Associa-se essa sensualização ao uso de vestimentas curtas, em contato próximo à pele. Contudo, Dani Brito, mestre em Arte e Cultura Contemporânea, sugere que os uniformes devem conferir às mulheres liberdade de movimento (Tavares; Paula, 2023).

Nesse contexto, há indicativos de que a constituição dos uniformes ainda não considera holísticamente a percepção das atletas (Tavares; Paula, 2023) para que sejam instrumentos de conforto e desempenho. Visto isso, é necessário analisar as percepções de atletas profissionais do voleibol de praia em relação ao uso de uniformes neste esporte. Tal análise permite compreender melhor a perspectiva das atletas, ao passo em que temas como objetificação corporal e espetacularização do esporte podem ser debatidos.

2 OBJETIVOS

Abaixo estão descritos os objetivos, geral e específicos, da presente pesquisa.

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a percepção das atletas profissionais de voleibol de praia quanto ao uso de uniformes neste esporte.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender como as atletas profissionais interpretam a regra do uso do uniforme feminino e masculino no vôlei de praia.
- Explorar o discurso das atletas em relação a possíveis motivos de discordância do uso da vestimenta indicada.
- Verificar elementos do discurso que abordam temáticas como sensualização do corpo da atleta, objetificação corporal e espetacularização do corpo atlético.

3 MÉTODOS

Abaixo estão descritos os passos metodológicos que foram adotados na presente pesquisa, subdivididos em tipo de estudo, amostra, aspectos éticos, procedimentos e análise de dados.

3.1 TIPO DE ESTUDO

Trata-se de estudo qualitativo (Gil, 2021) no qual foi realizada análise de conteúdo (Bardin, 1977) de entrevistas realizadas com atletas olímpicas de voleibol de praia, Carol Solberg e Ágatha Rippel, concedidas a importantes veículos de informação como foco na problemática do uso de uniformes neste esporte.

3.2 AMOSTRA

O presente estudo possui como amostra as entrevistas de Carol Solberg para a GloboNews, em 2021, e de Ágatha Rippel para a Rádio Globo, em 2017. Ambas são entrevistas que possuem recortes sobre a percepção das atletas sobre o uso de uniformes no voleibol de praia. Os dois sites - www.radioglobo.globo.com e www.g1.globo.com - foram selecionados por serem reconhecidos nacionalmente na área esportiva como importantes fontes de informação, bem como elevado público. A escolha das atletas, por sua vez, se deu por serem atletas profissionais da modalidade com acúmulos de títulos em nível internacional.

Ágatha Bednarczuk Rippel iniciou sua carreira no vôlei de praia em 2001 e construiu sua história na modalidade com êxito com títulos em circuitos mundiais, campeonato mundial, campeonato brasileiro, sul-americano e olimpíadas - com prata na Rio 2016 e em nono lugar em Tóquio 2021 - (Comitê Olímpico Brasileiro [COB], 2024). Carolina Salgado Collet Solberg foi duas vezes campeã do circuito brasileiro, três vezes do circuito mundial e, a mais recente, campeã do campeonato sul-americano 2023 (Pinheiros, 2024). Além disso, Carol Solberg é conhecida por se posicionar publicamente mediante os episódios políticos e sobre o uso da vestimenta no esporte - o último ocorrido foi em 2023. Carol e Ágatha formaram dupla e jogaram a etapa de Brasília no Circuito Brasileiro de Voleibol de Praia Feminino em 2016 (Globo Esporte, 2016).

3.3 ASPECTOS ÉTICOS

A presente pesquisa dispensa aprovação ética, uma vez que utiliza dados públicos, disponíveis gratuitamente nos *sites* referidos. A possibilidade de dispensa de análise ética consta no inciso II do parágrafo único da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde no qual se refere que o sistema CEP/CONEP não avaliará “pesquisa que utilize informações de acesso público, nos termos da Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011”.

3.4 PROCEDIMENTOS E ANÁLISE DE DADOS

Uma vez selecionados o veículo de informação e captura das entrevistas a pesquisadora procedeu a transcrição completa das mesmas (APÊNDICE A). Na sequência foram seguidas as etapas do método de análise de conteúdo (Bardin, 1977) conforme descritas por Minayo (2007): pré-análise, exploração do material e interpretação dos resultados.

Sendo assim, o primeiro momento foi marcado pela escuta dos materiais, transcrição e leitura exaustiva das transcrições. A exploração do material se deu pela criação de unidades de sentido, valendo-se da categorização de fragmentos significativos do texto e por recortes do texto em palavras e frases. A última fase, de interpretação dos resultados, foi construída por meio da inferência das proporções teóricas, relacionando o material com as implicações do mesmo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio da análise de conteúdo das entrevistas foram identificadas as seguintes categorias de análise: “Silenciamento: o espaço da mulher no vôlei de praia”, “Regras esportivas, uniforme e performance” e “Espetacularização e objetificação do corpo feminino”. Abaixo, serão apresentados os principais elementos categóricos e discutir nuances sobre os mesmos.

4.1 SILENCIAMENTO: O ESPAÇO DA MULHER NO VÔLEI DE PRAIA

Essa categoria expressa o sentimento das atletas, Ágatha Rippel e Carol Solberg, sobre as dificuldades de ser mulher e praticante de vôlei de praia. Ambas abordam o silenciamento das mulheres neste ambiente, no qual o espaço para o diálogo e manifestação é limitado. Reflexo deste silenciamento é a aceitação do *status quo*, ilustrado pela naturalização do silenciamento feminino.

Olha, hoje até no meu treino eu tava conversando isso com a minha parceira, com a Bárbara, e.. Eu até falei “mas por que será que a gente até hoje não impôs, né, sobre isso?” de isso ser uma decisão nossa. E são várias batalhas né ao longo do... né... São muitas coisas que a gente busca melhorar no esporte [...]. A gente tá muito tarde, a gente já devia ter falado sobre isso há muito tempo, mas é isso, vai indo, vai deixando a coisa acontecer, aquela coisa que a regra, é regra, cê vai aceitando, e eu acho que isso tá errado (Carol Solberg)!

Não, na verdade assim, entre a mulherada do vôlei de praia não rola muito esse bate papo pra nós é isso que cê falou, já é natural a gente tá de biquíni porque é na praia (Ágatha Rippel).

Tal silenciamento, marcado pela desigualdade de gênero no esporte, não é exclusividade do voleibol de praia. Diversos estudos vêm apontando tal desigualdade no futebol (Broch, 2021), surfe (Nepomuceno; Monteiro, 2014) e boxe (Fernandes; Mourão, 2014), entre outros esportes (Rodrigues *et al.*, 2024). As atletas ainda destacam como o voleibol de praia, em sua maioria, é marcado pela hegemonia masculina no que diz respeito à construção de parâmetros, regras e mudanças da modalidade. Elas enfatizam a dificuldade de mudança de paradigmas.

Tem que ir contra aquilo que incomoda a gente, a gente tem essa força se a gente se unir [...] E.. é isso, eu acho que se a gente se unir e debater um pouco mais sobre isso as coisas podem andar pra frente. Só que precisa dessa união, essa união é importante, sabe? Essa troca! E às vezes eu acho que o atleta tá muito voltado pra si, pra sua performance é.. Tem um pensamento às vezes individual e é sempre importante a gente realizar assim que.. Quando a gente se une e troca sobre isso é fundamental, então.. É isso (Carol Solberg).

É minha REVOLTA isso. Acho um ABSURDO, HOMENS! TEM QUE JOGAR DE SUNGA! (Ágatha Rippel)

Isto posto, pode-se dizer que essa categoria é precursora de toda análise uma vez que, a voz silenciada das mulheres se relaciona ao “biopoder” de Foucault (1975) que estimula o adestramento, a vigilância e a punição, se necessária, sobre os corpos. Sendo assim, a falta de diálogos pelas protagonistas da modalidade colabora para fomentar resoluções intencionais que as colocam em uma posição desconfortável para prática esportiva.

4.2 REGRAS ESPORTIVAS, UNIFORME E PERFORMANCE

Trata-se de uma categoria que se refere à relação entre o que é previsto no regulamento e sua aplicação prática, por meio da percepção daquelas que são contempladas pelas cláusulas dos uniformes. Ágatha Rippel e Carol Solberg expressam que o regulamento privilegia os homens de maneira oposta às mulheres.

Eles ficarem jogando de sunga né, nem levantam essa questão, se os homens teriam que jogar de sunga ou não, então (Carol ri) é inacreditável imporem pra gente TER que jogar de biquíni.. Né.. é surreal (Carol Solberg).

Inclusive eu já tive briga por causa disso e fechei, eu, minha parceira e o time adversário que a gente ia jogar de roupa e porque a organização não queria deixar a gente jogar de roupa, e a gente brigou porque queria jogar as quatro e jogamos. (Ágatha Rippel)

Já aconteceu, por exemplo, de... chegar num dia que tá muito frio, o juiz não autorizar, jogar de... jogar de calça, falar “não, não tá frio”. O cara lá de casaco, de tênis, e falar “não, não tá frio o suficiente, vocês tem que jogar de biquíni” e as atletas juntas falarem: “beleza, a gente vai jogar de calça, se quiserem multar a gente, multem”. (Carol Solberg)

As atletas apresentam ainda inúmeras desigualdades. Apontam a questão do espaço limitado para patrocínios, questões de conforto e performance, bem como aspectos que justificariam a livre escolha de uniformes pelas atletas.

Não, mas oh! Não, mas é verdade, é injusto se for ver, né (“injusto né”, entrevistador). Não, e eu vou te falar a parte *business* (“An, ãn”, entrevistador) do negócio, que ninguém enxerga, mas que a gente que tá lá sofre. Tamanho do sunquíni, o tamanho do sunquíni cabe UM patrocinador (pausa), o tamanho do *shorts* no masculino cabe UM MONTE (“ah, olha isso”, entrevistador). Então a gente só pode vender aquele pedacinho da frente e aquele pedacinho de trás. (Ágatha Rippel)

Eu acho que a gente atleta já tá ali super exposta, na ginástica olímpica, no vôlei de praia, a gente tá se jogando pra um lado e pro outro. Eu acho que tá ligado ao seu conforto, se você tá se sentindo bem com aquela roupa tá tudo certo, mas se você tá num dia que cê não quer vestir um biquíni, é, cê tem que ter o direito de poder escolher a roupa que você vai competir. Isso não pode ser um prob.. Cê tá pensando sobre isso ao longo da competição, entendeu? (Carol Solberg)

O patrocínio exerce um papel importante para a vida do atleta. Visto como uma empresa que fornece suporte e recurso para ser associado ao evento (Contursi, 1996), o patrocínio pode ser um meio dos atletas de vôlei de praia se desenvolver na profissão exercida (Faria, 2022). Nesse contexto, o mesmo autor desenvolve que a busca entre a igualdade, sobretudo de contratos de patrocínios, entre homens e mulheres, ainda é um desafio, mas, considera-se citar que, em um contexto geral, o apoio e investimento são escassos no esporte feminino.

Uma das formas de divulgação dos investidores é por meio da disposição das marcas estampadas nos uniformes (Cardia, 2004). Pequeno (2023) cita a necessidade de um projeto qualificado para a elaboração dos trajés, uma vez que estes estão ligados a marca com caráter visual e identitário aos patrocinadores. Logo, como concorda Ágatha Rippel, quanto menor o tecido disponível, menor a possibilidade de divulgar patrocínios esportivos.

A localização das logomarcas nos uniformes também se responsabiliza pela exposição do corpo feminino haja vista que, na cobertura televisiva, existem momentos específicos que divulgam os patrocínios (Mullin; Hardy; Sutton, 2004). Pode-se dizer então, que as características supracitadas contribuem para o atrativo do esporte, além de formarem um espectador que enxerga o corpo objeto e não

enquanto instrumento a favor do esporte (Bissel, 2013); elementos esses que serão discutidos na próxima categoria.

4.3 ESPETACULARIZAÇÃO E OBJETIFICAÇÃO DO CORPO FEMININO

Ágatha Rippel e Carol Solberg traduzem essa categoria na forma da diferenciação entre os uniformes masculinos e femininos e no atrativo do esporte sobre o corpo da mulher. Falam sobre a sexualização e objetificação do corpo da atleta. É uma categoria que se associa diretamente ao torcedor e as motivações que o permeiam para contemplar o esporte, conforme afirma (Nogueira, 1998).

Sim! Mas o sunquíni é uma parte que mais chama a atenção (Ágatha Rippel)

Tem lugares, por exemplo, que... quando você tá no saque a arquibancada é muito colada quando é uma quadra externa, e às vezes você fica com a bunda... sabe... colada... (Carol Solberg)

Porque pela organização (só joga de biquíni, entrevistador fala) não se joga de roupa por causa disso, esse *MARKETING* em cima do corpo da mulher, que *CHAMA*, é como cê falou não tem como negar, isso é um atrativo sim do vôlei de praia, então...

Exemplo disso, para que o voleibol feminino no Brasil ganhasse mais visibilidade, uma das estratégias criadas em 1980 pela Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) foi em torno das “Musas do Vôlei”, no qual a mídia seria o principal veículo responsável por esse processo, com foco estético (Moreira, 2013). No que se refere à relação torcedor e profissional, de 1940 a 1970 a mídia também prezava por registros que mantivesse a feminilidade das atletas. Dalsin e Goellner (2006, p. 163) afirmam que:

As fotografias que ilustravam as reportagens raramente eram registradas durante os jogos, assim como eram raras as imagens publicadas nos periódicos em que as moças estivessem suadas, desajeitadas ou com aparência de estafa. Apareciam limpas, híginas, sensuais e, sobretudo, sorridentes. Essa forma de apresentar as imagens das mulheres esportistas nas revistas e jornais estava assentada em uma representação de feminilidade para a qual o voleibol não representava ameaça.

A espetacularização dos corpos surge, portanto, de uma relação diretamente proporcional à mídia uma vez que esta atua como uma fábrica que produz cultura e significados para a sociedade (Neira *et al.*, 2009). Fischer (2002, p.7) concorda com esse fundamento ao se referir ao local que os meios de comunicação pertencem:

[...] extremamente poderoso no que tange à produção e à circulação de uma série de valores, concepções, representações relacionadas a um aprendizado cotidiano sobre quem nós somos, o que devemos fazer com nosso corpo, como devemos educar nossos filhos, de que modo deve ser feita nossa alimentação diária, como devem ser vistos por nós, os negros, as mulheres, pessoas das camadas populares, portadores de deficiências, grupos religiosos, partidos políticos e assim por diante.

Por se tratar de uma estratégia competente da mídia, sobretudo visual (Freitas; Silva, 2012), ela converte os fatos em espetaculares, extraordinários e fantásticos (Foucault, 2008), caracterizando a espetacularização. Logo, o corpo feminino se tornou um espetáculo que, associado ao contexto do voleibol de praia, é incentivado por métodos de *marketing* de patrocínios nos uniformes e de posições corporais e ângulos capturados. Por outro lado, o corpo masculino se apresenta vestido, vedado de características físicas (Hoff, 2004) promovidas pelos uniformes estimulando esse fenômeno, considerando que o modelo da sunga sequer é apresentado como opção para os homens.

A evolução histórica dos uniformes feminino do voleibol de praia, do sunquíni a possíveis opções de short e blusa térmica é acompanhada também por meio da exposição dos corpos. Essa exibição é, muitas vezes, realizada por meio do “zoom, ângulo da câmera e replays” (Bissel, 2013, p. 10) em momentos que as atletas estão em posições naturais do esporte, comemorando ou ajeitando o uniforme (Bissel, 2007). Logo, a vestimenta das atletas potencializa esse fenômeno, uma vez que, por frações de segundos o foco das câmeras em muitos jogos é em regiões corporais específicas das atletas, como peitos e nádegas, como ainda cita Bissel (2007). Pereira, Pontes e Ribeiro (2015, p.7) complementam sobre os enquadramentos em alguns registros serem realizados de costas e, aos homens por outro lado, ser evidenciado a “agressividade e competitividade”.

Os resultados da presente pesquisa permitem compreender, sob a ótica de atletas profissionais de voleibol de praia, questões relativas ao uso de uniformes esportivos por mulheres, possibilitando uma análise sobre a posição das mulheres

neste esporte, as regras e paradigmas que regem as normas de uso de vestes esportivas e o processo de espetacularização do esporte e objetificação dos corpos femininos de atletas. Embora, esses elementos possam ser utilizados para o avanço do estudo sobre essas temáticas, a presente pesquisa apresenta algumas limitações que merecem destaque.

Em primeiro lugar, foram identificadas entrevistas de apenas duas atletas profissionais, o que pode não representar todas as percepções das atletas mulheres de voleibol de praia. Contudo, ressalta-se a relevância destas atletas no cenário nacional e internacional do voleibol de praia. Em segundo lugar, as entrevistas não foram estruturadas exclusivamente para discussão da temática da vestimenta esportiva, embora em ambas as entrevistas o tema tenha sido debatido e permitido as análises da presente pesquisa. Apesar destas limitações, as análises permitiram avançar no debate sobre as vestimentas esportivas e como essas estão associadas à paradigmas sócio-esportivos que incluem a espetacularização do esporte e a objetificação do corpo feminino.

5 CONCLUSÃO

Conclui-se que o corpo feminino de atletas de voleibol de praia é alvo constante de olhares que o reduz a objetos de satisfação de outros, em um processo de espetacularização do corpo feminino. O uniforme esportivo é um artefato utilizado como uma forma de controle sobre o corpo das atletas de voleibol de praia, bem como uma forma de atrair um público masculino para o esporte. As atletas profissionais, Carol Solberg e Ágatha Rippel, consideram que o regulamento de uniformes da modalidade deveria avaliar as perspectivas das usuárias, uma vez que, na prática, devem resistir contra arbitragens e torcedores.

REFERÊNCIAS

- ANFILO, M. A. **A prática pedagógica do treinador da seleção brasileira masculina de voleibol**: processo de evolução tática e técnica na categoria infanto-juvenil. Florianópolis, 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- BARDIN, L. **Análise do discurso**. Lisboa: Edições, 1977.
- BISSELL, K. L., DUKE, A. M. Bump, set, spike: An analysis of commentary and camera angles of women's beach volleyball during the 2004 summer Olympics. **Journal of Promotion Management**, v. 13, n. 1/2, p. 35-53, 2007.
- BISSELL, K., SMITH, L. R. Let's (not) talk sex: An Analysis of the verbal and visual coverage of women's beach volleyball during the 2008 Olympic Games. **Journal of Sports Media**, v. 8, n. 2, p. 1-30, 2013.
- BOJIKIAN, J. C. M. **Ensinando voleibol**. Guarulhos, SP: Phorte editora, 1999.
- BRASIL. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Publicada no DOU nº 98, terça-feira, 24 de maio de 2016 - seção 1, páginas 44, 45, 46. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/normativas-conep?view=default>. Acesso em: 23 abr. 2024.
- BROCH, M. Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero. **Temporalidades**, v. 13, n. 1, p. 695-705, 2021.
- CARDIA, W. **Marketing e patrocínio esportivo**. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL [COB]. Ágatha Bednarczuk Rippel. [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/cob/time-brasil/atletas/agatha-bednarczuk-rippel/>. Acesso em: 24 jun. 2024
- CONDINI, B. Carol Solberg: usar ou não biquini no vôlei de praia deveria ser uma escolha. A obrigatoriedade é machismo, 2021. Disponível em: <https://heloisatolipan.com.br/gente/carol-solberg-usar-ou-nao-biquini-no-volei-de-praia-deveria-ser-uma-escolha-a-obrigatoriedade-e-machismo/>. Acesso em: 13 abr. 2024.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL [CBV]. **Guia de Uniforme**. 2024. Disponível em: <https://cbv.com.br/praiacircuito-brasileiro-de-volei-de-praia/regulamentos-e-documentos-2024/>. Acesso em: 25 jun. 2024.
- CONTURSI, E. B. **Marketing Esportivo**. Rio de Janeiro: Sprint, 1996.
- DAFFERNER, M.; CAMPAGNA, J.; RODGERS, R. F. Making gains: Hypermuscularity and objectification of male and female Olympic athletes in Sports Illustrated across 60 years. **Body Image**, v. 29, p. 156-160, 2019.
- DALSIN, K.; GOELLNER, S. V. O elegante esporte da rede: o protagonismo feminino no voleibol gaúcho dos anos 50 e 60. **Movimento**, v. 12, n. 1, p. 153-171, 2006.

DANIELS, E. A.; WARTENA, H. Athlete or sex symbol: What boys think of media representations of female athletes. **Sex Roles**, v. 65, p. 566-579, 2011.

FARIA, M. M. T. **O Programa Bolsa Atleta e esportes de alto rendimento no Brasil**: o caso do vôlei de praia. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Econômicas)-Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

FERNANDES, V.; MOURÃO, L. “Menina de ouro” e a representação de feminilidades plurais. **Movimento**, v. 20, n. 4, p. 1611-1629, 2014.

FISCHER, R. M. B. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e pesquisa**, v. 28, p. 151-162, 2002.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Surveiller et punir: Naissance de la prison*. Paris: Gallimard, 1975.

FREITAS, L. K. M. R.; DA SILVA, F. P. Corpos esculpidos, sujeitos (entre) tecidos: as revistas femininas e a espetacularização do corpo. **Revista Linguagem**, v. 18, n. 1, p. 123-145, 2012.

G1. **Olimpíada de Tóquio: como o sexismo se reflete no controle dos uniformes das atletas**. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/07/27/olimpiada-de-toquio-como-o-sexismo-se-reflete-no-controle-dos-uniformes-das-atletas.ghtml>. Acesso em: 17 fev. 2025.

GIL, A. C. **Como fazer pesquisa qualitativa**. São Paulo: Atlas, 2021.

GLOBO. Homem preso filmando partes íntimas de jogadoras de vôlei admite à polícia que armazenava imagens. *ge.globo.com*, 22 maio 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/volei/noticia/2024/05/22/homem-presos-filmando-partes-intimas-de-jogadoras-de-volei-admite-a-policia-que-armazenava-imagens.ghtml>. Acesso em: 11 dez. 2024.

GLOBO ESPORTE. Após prata na Rio 2016, Ágatha jogará com Carol, irmã de Pedro Solberg. *ge.globo.com*, 2016. Disponível em: <https://ge.globo.com/volei-de-praia/noticia/2016/09/apos-prata-na-rio-2016-agatha-jogara-com-carol-irma-de-pedro-solberg.html>. Acesso em: 24 jun. 2024.

GLOBO NEWS. Carol Solberg sobre polêmica com uniforme de atletas. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/estudio-i/video/carol-solberg-sobre-polemica-com-uniformes-de-atletas-voce-tem-que-ter-o-direito-de-escolher-9729683.ghtml>. Acesso em: 23 abr. 2024.

GUIMARÃES, M. F. Trajetória dos feminismos: Introdução à abordagem de gênero. *In*: BRASIL. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Marcadas a Ferro**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005, p. 77-92.

Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/saffioti/2005/mes/90.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2024.

HOFF, T. M. C. Corpo masculino: publicidade e imaginário. **E-Compós**, v. 1, p. 1-16, 2004.

JUNIOR, N. K. M. História do voleibol, parte 1. **Revista Digital**, Buenos Aires, n. 169, p. 1-13, 2012.

JUNIOR, N. K. M. Seleção de testes para o jogador de voleibol. **Movimento & Percepção**, v. 11, n. 16, p. 169-206, 2010.

MARINHO, I. P. **Rui Barbosa**: paladino da educação física no Brasil. Brasília: Senado Federal: Centro Gráfico, 1975.

MEZZAROBA, C.; PIRES, G. L. Breve panorama histórico do voleibol: do seu surgimento à espetacularização esportiva. **Atividade Física, Lazer & Qualidade de Vida: Revista de Educação Física**, v. 2, n. 2, p. 3-19, 2011.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MOREIRA, T.; VLASTUIN, J.; MARCHI JÚNIOR, W. O voleibol feminino e seu posicionamento no campo esportivo brasileiro. **Motrivivência**, n. 41, p. 269-280, 2013.

MULLIN, B. J.; HARDY, S.; SUTTON, W. A. **Marketing esportivo**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2004.

NEIRA, M. G.; SANTOS JUNIOR, N. J.; SANTOS, A. P. S. Corpo Feminino na TV: reflexões necessárias no âmbito da educação física escolar. **Conexões**, v. 7, n. 2, p. 97-113, maio/ago. 2009.

NEPOMUCENO, L. B.; MONTEIRO, N. S.. Desigualdades de gênero no esporte: narrativas sobre o lugar da mulher no surfe. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 9, n. 2, p. 101-116, 2019.

NETO, Antonio Rizola. **Uma proposta de preparação para equipes jovens de voleibol feminino**. 2003. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

NOGUEIRA, A. **O canto dos meus amores**. Rio de Janeiro: Dunya Editora, 1998.

PEQUENO, P. Paula Pequeno: depoimento [mar. 2023]. Entrevistador: Marcelo Ribeiro Tavares. Entrevista por áudio concedida à pesquisa do Projeto aprovado na Plataforma Brasil sob o nº 4.995.260, Universidade Federal de Juiz de Fora.

PEREIRA, E. G. B.; PONTES, V. S.; RIBEIRO, C. H. V. Revelações dos fotógrafos esportivos brasileiros sobre relações de gênero. **Motricidade**, v. 11, p. 126-134, 2015.

PINHEIRO, A. B. L. de F. A mídia no voleibol brasileiro masculino. *In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte*, 10, 1997, Goiânia. Anais... Goiânia: CBCE, 1997, p.537-543.

PINHEIROS. Pinheiros apresenta Bárbara Seixas e Carol Solberg como nova dupla de vôlei de praia. [S.l.], 19 jan. 2024. Disponível em: <https://www.ecp.org.br/pinheiros-apresenta-barbara-seixas-e-carol-solberg-como-nova-dupla-de-volei-de-praia/#:~:text=Carol%20Solberg%3A%20x%20campe%C3%A3%20do,%2DCampe%C3%A3%20Mundial%20Sub%2D18>. Acesso em: 24 jun. 2024.

RÁDIO GLOBO. Ágatha fala sobre o uniforme usado no vôlei de praia. 2017. Disponível em: <https://radioglobo.globo.com/media/audio/131017/agatha-fala-sobre-o-uniforme-usado-no-volei-de-pra.html>. Acesso em: 23 abr. 2024.

RODRIGUES, K. S. *et al.* Manifestação da desigualdade de gênero na trajetória esportiva de mulheres cisgênero: uma revisão de literatura. **Dialogos Abiertos**, v. 3, n. 1, p. 77-90, 2024.

ROMARIZ, S. B. D.; MOURÃO, L. A história do voleibol contada por jogadoras de seleção brasileira no período de 1958 a 1989. *In: Encontro de História Regional da ANPUH-RJ: usos do passado*. Rio de Janeiro: Anais. ANPUH-RJ, 2006.

ROMERO, E. A hierarquia de gênero no jornalismo esportivo. III Fórum de debates sobre mulher & Esporte. **Mitos & Verdades**. Fórum Internacional-16 a, v. 18, 2004.

SAINT CLAIR, E.; DEVIDE, F. P. Representações da mídia esportiva impressa sobre a visibilidade de mulheres atletas: entre permanências e mudanças. *In: XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte/IV Congresso Internacional de Ciências do Esporte*. 2011.

TAVARES, M. L. R. S.; DE PAULA, F. B. R. Mulheres na rede: uniformes esportivos femininos em discussão. **Observatório de la Economía Latinoamericana**, v. 21, n. 8, p. 8301-8312, 2023.

TAVARES, M. R.; VAZ, L. F.; MATOS, M. C. Copacabana e o vôlei: uma história de lazer e esportes na praia | Copacabana and volleyball: a history of leisure and sports in the beach. **Oculum Ensaios**, v. 18, p. 1-16, 2021.

UOL. Memória: o vôlei feminino do Brasil e seus primeiros sinais de grandeza. Disponível em: <https://saidaderede.blogosfera.uol.com.br/2017/01/05/memoria-o-volei-feminino-do-brasil-e-seus-primeiros-sinais-de-grandeza/>. Acesso em: 13 abr. 2024.

UOL. Norte-americanas criticam comemoração excessiva das brasileiras no vôlei.

Disponível em: <https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2012/08/12/norte-americanas-criticam-comemoracao-excessiva-das-brasileiras-no-volei.html>. Acesso em: 13 abr. 2024.

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA ÁGATHA RIPPEL:

<https://radioglobo.globo.com/media/audio/131017/agatha-fala-sobre-o-uniforme-usado-no-volei-de-pra.htm>

- Apresentador: Ô Ágatha, outras particularidades, curiosidades em relação ao vôlei de praia, vou até dar um contexto porque eu quero saber sua opinião (pausa). É, minha prima, ela joga handball de praia, olha só, elas tem um time de handball de praia que tem um campeonato inclusive estadual aqui no Rio de Janeiro de handball de praia e elas eram obrigadas, são obrigadas, a jogar de sanquíni, certo? Vocês usam o quê? Um sanquíni também ou um biquíni?

- Ágatha: Usa biquíni ou sunquíni, tanto faz.

- Apresentador: Sunquíni, sunquíni que fala?

- Ágatha: Sunquíni (risada).

- Apresentador: Desculpa, desculpa, desculpa!

- Ágatha: Ele fala inglês né? Sanquíni! (risada)

- Apresentador: É, e as meninas tão batalhando pra que elas possam jogar de shorts (“de shorts”, Ágata reafirma) porque nem sempre elas se sentem confortáveis e se sentem literalmente expostas (“uhum, uhum”, Ágatha concordando) jogando de biquíni ou sunquíni. Eu queria saber em relação a vocês, porque ééé a gente não pode ser hipócrita também que valoriza o jogo e o homem gosta de ver uma mulher de biquíni né Ágatha (sim, Ágatha afirma), não dá pra gente esconder isso, tapá esse sol com a peneira porque é um flá muito grande ali na quadra inclusive. Qual é a opinião de vocês, jogadoras? Tem um papo sobre isso, tem um consenso sobre isso? “Ah, já tá acostumada, é praia é mesmo biquíni, não tem problema. A gente sabe que nas etapas de frio cês podem jogar (de roupa, Ágatha fala) de roupa, mas queria saber de você comê que é essa história.

- Ágatha: Não, na verdade assim, entre a mulherada do vôlei de praia não rola muito esse bate papo pra nós é isso que cê falou, já é natural a gente tá de biquíni porque é na praia. Mesmo muitas etapas não sendo na praia (“uhum”, entrevistador concorda), pra nós é natural. Tem essa coisa de jogar, poder jogar com roupa

quando faz o frio, mas tem que ter um mínimo de frio, normalmente é de 15 pra baixo ou 10 pra baixo.

- Apresentador: Ou seja se tiver 16 e ventan. Se tiver 16 (“não pode usar”, ágatha interrompe) é biquíni (“não pode usar”, ágatha reafirma).

- Ágatha: Inclusive eu já tive briga por causa disso e fechei, eu, minha parceira e o time adversário que a gente ia jogar de roupa e porque a organização não queria deixar a gente jogar de roupa, e a gente brigou porque queria jogar as quatro e jogamos. Porque muitas vezes tem que ser briga! Porque pela organização (só joga de biquíni, entrevistador fala) não se joga de roupa por causa disso, esse MARKETING em cima do corpo da mulher, que CHAMA, é como cê falou não tem como negar, isso é um atrativo sim do vôlei de praia, então... Faz parte mas pra nós é uma coisa natural.

- Apresentador: Por que os caras não jogam de sunga?

- Ágatha: É minha REVOLTA isso. Acho um ABSURDO, HOMENS! TEM QUE JOGAR DE SUNGA!

- Apresentador: Imagina o Alisson Mamute de sunga (“é!”, Ágatha diz)! Não que eu goste, né, (risada de ágatha) nada a ver com assim meu (“vamo lá” diz Ágatha) (inaudível do entrevistador).

- Ágatha: Campanha! Homens de sunga no vôlei de praia (risada Ágatha).

- Apresentador: Homens de sunga. Eu ia tá ferrado que eu tenho a bunda grande (risada Ágatha), as coxas grande, jogar de sunga pra mim não ia dar certo (pausa). Não não! Mudei de ideia sem sunga (inaudível).

- Ágatha: Não, mas oh! Não, mas é verdade, é injusto se for ver, né (“injusto né”, entrevistador). Não, e eu vou te falar a parte business (“Ãn, ãn”, entrevistador) do negócio, que ninguém enxerga, mas que a gente que tá lá sofre. Tamanho do sunquíni, o tamanho do sunquíni cabe UM patrocinador (pausa), o tamanho do shorts no masculino cabe UM MONTE (“ah, olha isso”, entrevistador). Então a gente só pode vender aquele pedacinho da frente e aquele pedacinho de trás.

- Apresentador: Mas e na pele, não tem aqueles adesivos que vocês têm colocado?

- Ágatha: Sim! Mas o sunquíni é uma parte que mais chama a atenção.

ENTREVISTA CAROLSOLBERG:

<https://g1.globo.com/globonews/estudio-i/video/carol-solberg-sobre-polemica-com-uniformes-de-atletas-voce-tem-que-ter-o-direito-de-escolher-9729683.ghtml>

- Apresentadora: E você viu aí nossa agenda olímpica que logo mais tem vôlei feminino de quadra, vôlei de praia e handebol feminino. E as atletas dessas modalidades e da ginástica artística esquentaram recentemente o debate sobre o direito de escolher a roupa que usam em campo. O argumento é de que os uniformes que deveriam ser feitos pra desenvolver uma melhor performance no esporte, acabam erotizando os corpos delas. É o caso da seleção feminina de handebol de praia da Noru (“existe handebol de praia?” a apresentadora pergunta, “existe, claro que existe” um convidado responde). Gentee, handebol de praaiaa! Não fi.., não pode rir com essa cara de desprezo Datena (não entendi o nome dele), é feio isso (convidado 2 ri). Acerca de 10 dias as jogadoras norueguesas decidiram trocar por bermudas a est (“ah, é! Lógico que existe!” a apresentadora interrompe) o tradicional biquíni previsto no regulamento do campeonato europeu. Esta atitude custou a federação norueguesa uma multa de mil e quinhentos euros, mais o nove mil reais. O caso repercutiu nas redes sociais e as reivindicações ganharam força, a cantora Pink, vencedora de três Grammys, se ofereceu para pagar a multa e incentivou as atletas a seguirem vestindo o que fosse mais confortável. Em Tóquio as ginastas alemãs também marcaram posição, no lugar no maiô cavado usaram macacões de corpo inteiro na etapa de qualificação da olimpíada. Daí é claro que isso aí, né, é... que uma coisa dessa, acaba chamando atenção e as regras vão acabar mudando, né, porque quando ganha esse movimento, acho eu, e no dia da manifestação das alemãs, as nossas Flávia Saraiva e Rebeca Andrade, medalha de prata na ginástica artística, apoiaram as adversárias, e defenderam o direito de escolha. Vamos ver.

- Rebeca Andrade: Eu acho que é mais uma vitória pras mulheres né, eu acho que é um momento muito importante onde as pessoas podem nos respeitar. A gente tem que fazer, a gente tem que usar o que a gente se sente confortável, e diminuir ao máximo esse lado que sexualiza a mulher. E se isso faz elas se sentirem mais confortáveis e outras mulheres mais confortáveis, por que não? Eu acho que foi uma

vitória, de verdade mesmo, incrível, porque mostra que a gente tá lutando por uma coisa que vai fazer a diferença, que vai fazer outras gerações se sentirem melhor.

- Flávia Saraiva: Eu me sinto parte da vitória delas também, a gente se sente, e elas são inspiração pra gente.

- Apresentadora: Ah! E essas meninas são inspiração pra gente também, nossa! Tô apaixonada pela Rebeca gente, paxô, xônei. E a jogadora de vôlei de praia, Carol Solberg, tá aqui com a gente, também defendeu publicamente cada jogadora, né Carol? “Use o que quiser”. A minha primeira dúvida é a seguinte, né, porque tem aí essa história aí “não porque os uniformes são feitos pra propiciar a melhor performance”. Um uniforme mais tapado não propiciaria a melhor performance? Essa é minha primeira dúvida (apresentadora diz com sorriso no rosto), Carol, boa tarde!

- Carol: Boa tarde, gente! Maior prazer tá aqui com vocês! É, eu acho que a Rebeca e a Flávia falaram exatamente o que é, é isso, tá ligado ao nosso conforto, a você se sentir bem em quadra. Eu acho que a gente atleta já tá ali super exposta, na ginástica olímpica, no vôlei de praia, a gente tá se jogando pra um lado e pro outro. Eu acho que tá ligado ao seu conforto, se você tá se sentindo bem com aquela roupa tá tudo certo, mas se você tá num dia que cê não quer vestir um biquíni, é, cê tem que ter o direito de poder escolher a roupa que você vai competir. Isso não pode ser um prob.. Cê tá pensando sobre isso ao longo da competição, entendeu? Desculpa gente, caiu minha câmera (risada), (apresentação de um trecho de uma partida de vôlei de quadra, há alguns anos, com foco no uniforme).

- Apresentadora: Flavinha Oliveira tem uma pergunta pra você, Carol!

- Flávia Oliveira, jornalista: (risada) Oi Carol! Primeiro te cumprimentar pela, pela sua, pela forma que você tem se posicionado né, ah, politicamente e nessa questão da agenda mesmo de... de costumes. É..., acho que você encarna bem uma, uma nova fronteira né, uma nova representatividade aí do esporte feminino. O vôlei de quadra evoluiu porque eu lembro que no meu tempo lá no século 20, também as meninas da quadra usavam um short né, era quase um sunquíni (“sim”, concorda Carol) é, e ele evoluiu, por que que cê acha que o vôlei de praia ainda mantém essa conexão com... com o biquíni e eu queria saber se você já experimentou os dois tipos de equipamentos de uniforme e se fez diferença na sua performance.

- Carol: Oi Flávia, primeiro dizer que eu sou mega sua fã! Adoro você (risada)! Brigada aí! Mas é isso, e assim eu já vivi vários episódios assim, uma coisa que me incomoda muito eu sou, por exemplo, eu sinto muito frio. Quando eu tô jogando fora do Brasil às vezes é... quero jogar de roupa, quero jogar de calça, e você passa pela decisão de um árbitro que tá ali de casaco, de tênis e decide se tá frio ou não o suficiente, isso pra mim deveria ser uma escolha nossa, do jogador de na hora que cê tá em quadra você decidir como você se sente mais confortável. Então, é, tem momentos, por exemplo, às vezes tem atletas que tão no meio do seu ciclo menstrual, tem uns pontos mais fortes e quer jogar de shorts. Isso é um absurdo, você ter que dialogar ali com o árbitro sobre o que que é melhor pra você. Então, eu acho que o certo é que deveria ser uma escolha, eu entendo essa coisa do padrão né, de você ter que ter o mesmo uniforme da sua dupla. Então você tá a.. Junto com a sua com a sua equipe, você escolher o uniforme que vocês vão jogar. Então assim, eu nunca me sen.. Eu eu não tenho nenhuma problema de jogar de biquíni quando tá mó calor, tô na praia, mas eu acho que isso tem que ser uma opção! Se você não tá afim de jogar... Tem lugares, por exemplo, que.. Quando você tá no saque a arquibancada é muito colada quando é uma quadra externa, e às vezes você fica com a bunda.. Sabe.. colada.. Às vezes muito perto de alguém, e aquilo pode te incomodar então... cê não tem que tá num jogo pensando sobre isso. Então acredito que a escolha tem que ser nossa, não tem que tá ligada a um... árbitro dizer se é ou não certo a gente tá colocando a roupa.

- Apresentadora: Lívia Laranjeira com uma pergunta pra você, Carol!

- Lívia Laranjeira, jornalista: Boa tarde! Parabéns pelo seu posicionamento! A pergunta que eu quero te fazer, Carol, a gente tem visto uma evolução na discussão das pautas ligadas a equidade de gênero, ao direito das mulheres de uma maneira geral, na sociedade eu acho que o esporte tem acompanhado isso. Eu lembro que... a cerca de cinco anos eu já tinha feito uma reportagem sobre o uso dos biquínis, né, no handebol de praia e, naquela época isso não gerava tanta repercussão quanto tá gerando agora. Eu queria saber se no circuito mundial, vocês, atletas mulheres, têm conversado sobre isso, se você vê é, esse assunto mais quente nesse momento, e qual é a posição geral? Porque a gente sabe que você se posiciona bastante, que você se manifesta bastante, mas eu queria saber a temperatura disso de uma maneira geral no circuito.

- Carol: Olha, hoje até no meu treino eu tava conversando isso com a minha parceira, com a Bárbara, e.. Eu até falei “mas por que será que a gente até hoje não impôs, né, sobre isso?” de isso ser uma decisão nossa. E são várias batalhas né ao longo do... né... São muitas coisas que a gente busca melhorar no esporte e, eu acho que em relação a essa coisa dos uniformes, eu acho que agora é o momento, é um bom momento pra isso ser levantado. A gente tá muito tarde, a gente já devia ter falado sobre isso há muito tempo, mas é isso, vai indo, vai deixando a coisa acontecer, aquela coisa que a regra, é regra, cê vai aceitando, e eu acho que isso tá errado! Tem que ir contra aquilo que incomoda a gente, a gente tem essa força se a gente se unir, eu tenho certeza que muitas meninas gostariam de jogar de short, não tenho a menor dúvida. E.. é isso, eu acho que se a gente se unir e debater um pouco mais sobre isso as coisas podem andar pra frente. Só que precisa dessa união, essa união é importante, sabe? Essa troca! E às vezes eu acho que o atleta tá muito voltado pra si, pra sua performance é.. Tem um pensamento às vezes individual e é sempre importante a gente realizar assim que.. Quando a gente se une e troca sobre isso é fundamental, então.. É isso.

- Apresentadora: Não, e tem que ter esse consenso, né. Porque eu tava pensando aqui, Carol, é EVIDENTE né que.. Primeiro lugar que os homens nunca vão entender como a mulher se sente, são dois planetas absolutamente diferentes. (Carol interrompe falando e sorrindo, mas com falhas na conexão para compreensão). Eu não ouvi o que você disse antes, desculpa.

- Carol: (inaudível) ... eles ficam jogando de sunga né, nem levantam essa questão, se os homens teriam que jogar de sunga ou não, então (Carol ri) é inacreditável imporem pra gente TER que jogar de biquíni.. Né.. é surreal (Carol ri).

- Apresentadora: (Apresentadora balança a cabeça e coloca os dois dedos indicadores na cabeça) É surreal! Da da vê vê é vez em quando é é matéria também dos presídios, né, a presidiária ter que explicar porque que a mulher precisa de mais papel higiênico, né. Então são coisas assim que realmente... não fazem sentido. Mas, dito isso, agora falando da parte prática, né, pra se viabilizar uma mudança como essa, cê falou em união e consenso... haja união! Porque eu fico pensando aqui, né, porque... deve ter que haver uma padronização (“sim”, diz Carol). Então, isso ter que ser algo (apresentadora faz movimento com os braços e mãos circulares, unindo-os de dentro pra fora em relação ao corpo), ser um movimento

maior pra que se chegue lá num denominador comum, num é? Sei lá (apresentadora ri), eu.. que faça sentido pra todas as atletas.

- Carol: Sim! Não, eu acho que falta essa união, essa união é muito importante, eu acho que quando eu tava falando da, a gente lida com muita competitividade o tempo inteiro, e é importante às vezes botar isso de lado e pensar num crescimento do esporte, nessas regras serem alteradas, então.. É, é importante esse papo mesmo. Já aconteceu, por exemplo, de.. Chegar num dia que tá muito frio, o juiz não autorizar, jogar de... jogar de calça, falar “não, não tá frio”, o cara lá de casaco, de tênis, e falar “não, não tá frio o suficiente, vocês tem que jogar de biquíni” e as atletas juntas falarem “beleza, a gente vai jogar de calça, se quiserem multar a gente, multem”. E não acontecer nada, já rolou. Já foi, já, já teve, já rolaram esses episódios, sabe? Poucas vezes, mas já aconteceu. Então é.. É uma coisa que a gente tem que enfrentar porque a gente tem essa força. Tenho certeza que se a gente se unir e falar “não! Tem que ser de outra forma!”, a gente vai conseguir mudar isso.

- Apresentadora: Eu quero agradecer demais.. Ah, fica aqui comigo Carol, enquanto eu leio os comentários aqui da nossa janela né, não vou agradecer agora não, ah e eu sou fã sua e da tua mãe, muito! (Carol fala de forma que a conexão não permite compreender). Olha lá, ó, Paula Malta: “é muito estranho que tenhamos que discutir os uniformes femininos, sendo que nunca foram discutidos os masculinos. Vamos parar com a sexualização feminina no esporte também.” Tá aí o recado da Paula. Vamos ver mais um? “Acho um absurdo obrigarem as mulheres a usarem um uniforme que não se sentem cômodas. E pior ainda, multarem uma equipe que diverge do padrão sexista considerado “normal” como aconteceu com essa equipe de handebol da Noruega.” Tá aí, a Susana Jhun participando do nosso estúdio i.